

Melodrama e heroização: a mídia no relato biográfico

*Melodrama and heroization:
the media in biographical accounts*

■ ANA CAROLINA ESCOSTEGUY*

RESUMO

A proposta deste artigo é tratar da produção de identidades relacionadas à mídia. Toma-se a voz individual como princípio para desenvolver análises da cultura, seguindo posição de Nick Couldry. Na exposição privilegia-se a pesquisa empírica desenvolvida a partir de entrevistas biográficas de mulheres. Como conclusão, nota-se que as narrativas identitárias coletadas são reveladoras de processos culturais maiores e mais abrangentes, expressando a presença fluída e penetrante da mídia nos modos de ser; essas narrativas são construídas mediante convenções culturais que estão em circulação na mídia; entre tais convenções, destacamos a presença de características do gênero melodrama e de um processo de heroização.

Palavras-chave: mídia, indivíduo, melodrama, heroização

ABSTRACT

The article discusses the production of identities related to media. The individual voice is understood as a principle to develop culture analyses. This position is based on Nick Couldry. The main purpose is to explore an empirical research that uses biographical interviews with women. The result is composed of identitarian narratives that reveal a specific way of being, which is constituted in the act of the storytelling, and yet is crossed by material and cultural factors, amongst which the media itself; these narratives are built through cultural conventions which circulate within the media; amongst those, we stress the presence of melodramatic characteristics and a process of heroization.

Keywords: media, individual, melodrama, heroization

* Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Pós-doutorado no CAMRI (Communication and Media Research Institute), associado ao Department of Journalism and Mass Communication da School of Media, Art and Design da University of Westminster (UK). Professora titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, atuando na graduação (Mídia e Recepção, Comunicação, Cultura e Realidade Brasileira e Orientação de Projeto Monográfico) e na pós-graduação (Comunicação e Estudos Culturais).
E-mail: carolad@puers.br

OBJETO DE ESTUDO é a formação de identidades individuais. Para tal, explora-se uma perspectiva, constituída dentro da comunicação, que se baseia no entendimento de que não existe uma única resposta para a questão sobre as transformações da mídia sobre a vida social; tais alterações não podem ser pensadas como decorrência direta de sua ação, portanto, implicando um direcionamento de mão única. No âmbito dessa abordagem, delimita-se como alvo a constituição social do indivíduo que sofre a ação da mídia dada sua profunda penetração tanto no espaço social quanto individual. Contudo, este relato é focado nos indivíduos mediante a exposição de material empírico, coletado via entrevistas biográficas, realizadas junto a um grupo de mulheres que trabalham no setor de serviços de embelezamento. Diferentemente de outros relatos desta mesma investigação, aqui experimenta-se uma forma diferenciada de apresentação da narrativa identitária, na tentativa de preservar a dramaticidade e força do depoimento como um todo. Nesse percurso, comenta-se algumas dificuldades encontradas. Para além das reflexões metodológicas, nota-se que as histórias de vida¹ das mulheres entrevistadas são estruturadas mediante convenções narrativas presentes na mídia e via um processo de heroização. Sem referência direta à mídia, as mulheres convocam características do gênero melodramático, ressignificando-o no pequeno mundo da vida de todo o dia o que revela práticas relacionadas à mídia, mesmo que estas não estejam associadas a textos midiáticos ou a veículos específicos. Nesse mesmo movimento, suas narrativas vão fabricando as novas heroínas de hoje.

1. Ao longo do artigo, o termo história de vida é utilizado no sentido mais genérico, ou seja, como relato e narrativa de uma trajetória individual e não como uma técnica específica da investigação social.

PONTO DE PARTIDA

O ponto de partida desta pesquisa pressupõe a seguinte ideia: a mídia constitui a sociedade contemporânea. Vivemos num mundo saturado pela mídia ou “de ubiquidade invasiva da mídia” (Silverstone, 2005: 191). Sua presença se alastra em todos os níveis do processo social, fazendo parte dele. Como nos diz França, “a mídia faz parte da sociedade, está inserida nela como os postos de saúde, as defensorias públicas, os estádios esportivos, por exemplo” (2012: 12). No entanto, a opção não é pelo estudo da mídia, considerada como as estruturas, isto é, como organizações e/ou corporações; como também não é pelos dispositivos, usualmente denominados suportes, nem pelas diversas plataformas e suas interfaces, institucionalizadas, que produzem e disseminam conteúdo; nem pelas formas e formatos, enveredando pelas particularidades das linguagens atribuídas a cada meio ou mesmo à convergência entre eles. No lugar de qualquer uma dessas opções parciais, entende-se a mídia como um tipo de instituição, composta por tudo isso, formando uma rede, que ocupa uma determinada posição na constituição da sociedade através da qual acessamos

o mundo social como um todo. A partir desse entendimento, a pretensão é estudar a sociedade, especificamente essa sociedade constituída *com* a mídia, *no* indivíduo.

Em outras palavras, o vazamento da mídia transpassa o social e conecta-se com a produção de subjetividades. Isso pressupõe reconhecer e compreender a fluidez com a qual a mídia penetra e afeta os indivíduos, por isso, segundo Bird, “numa cultura saturada pela mídia, não é mais possível separar os *efeitos* de uma mídia particular (se é que isso foi viável em algum momento)” (2003: 93). O desafio deve ser alcançar uma compreensão mais abrangente e complexa sobre como os indivíduos são formados e como atuam *dentro* de culturas. Ou como Johnson reivindica: “nosso projeto é o de abstrair, descrever e reconstituir, em estudos concretos, as formas através das quais os seres humanos ‘vivem’, tornam-se consciente e se sustentam subjetivamente” (1999: 29).

Embora interesse estudar tanto as formações sociais e o papel da mídia na ordenação geral da vida social, isto é, a coesão cultural no nível de uma estruturação mais ampla, quanto à relação dos indivíduos com o espaço social e cultural e como eles são produzidos subjetivamente por essas relações sociais, este trabalho é uma tentativa de encampar essa última problemática. Tal abordagem destaca a construção social do indivíduo, tema que extravasa as fronteiras do campo em que me situo, a comunicação, dado que o par indivíduo–sociedade é um tema cardeal da sociologia, da antropologia, entre outras áreas. Trajeto impossível de abarcar. No entanto, não abro mão de minha vinculação ao trabalho acadêmico da comunicação, por isso, o interesse primordial na mídia e seu papel na conformação das subjetividades². Para tal, valho-me, sobretudo, de *insights* e indicações de dois autores: Nick Couldry (2000, 2008, 2009, 2010) e Richard Johnson (1999). De modo bastante superficial, tento, também, seguir algumas pistas de Velho (2006), em especial no tratamento do material empírico.

A apresentação do esquema conceitual que fundamenta este trabalho é apenas brevemente esboçado. Privilegio a exposição do material coletado em campo e as veias abertas pela sua interpretação, enfatizando a constituição de identidades permeadas pela ação da mídia. Gostaria, no entanto, de notar que, nos Estudos Culturais, a problemática do indivíduo e suas conexões com a sociedade e a cultura, do ponto de vista que nos interessa explorar, claramente, remonta à Raymond Williams e Richard Hoggart.

No caso de Williams, é justamente quando ele insiste em pensar a cultura *na* sociedade e não separada dela, definindo-a pela *experiência vivida* de homens e mulheres *comuns*, construída na interação diária com os textos e práticas da vida cotidiana, que se dá, ao mesmo tempo, a ruptura com o pensamento

2. Aqui, não apresento uma teorização sobre os termos subjetividade, *self* e identidade, usando-os de modo intercambiável.

britânico dominante e a fundação dos alicerces de uma nova tradição de análise da cultura. De modo muito simples, o mote lançado pelo autor foi estudar a *nossa* cultura, a cultura que *nós* vivemos e formamos.

Hoggart faz dessa mesma ideia, embora de modo distinto à trajetória, sobretudo, teórica de Williams, o motor de sua pesquisa. O reconhecimento das experiências do homem simples, de suas atitudes, dos valores compartilhados no cotidiano, dos seus hábitos e formas de linguagem, enfim, a consideração de um modo de vida, por ele mesmo, e não inferido, torna-se objeto e faz parte do método de sua investigação. Trata-se, também, de uma ruptura forte com a crítica cultural da época, em paralelo a de Williams, bem como outra ancoragem dos Estudos Culturais.

Do pensamento contemporâneo, destaco sugestão de Couldry quando assevera:

Se somos sérios no estudo da cultura, não podemos esquivar-nos de ouvir a voz individual. Já discuti isso, negativamente, contra uma vertente mais antiga de estudos culturais britânicos, mas aqui gostaria de colocar o tema de modo mais positivo através de exemplos específicos onde a perspectiva individual sobre a cultura faz a diferença (2000: 52).

Mais tarde, ele vai desenvolver reflexão e questionamentos específicos sobre distintos sentidos e aspectos da importância e valor de estudar a voz (Couldry, 2010). Alguns de caráter mais filosófico, a voz como reflexividade e responsabilidade pelas nossas ações, por exemplo. Outros mais sociológicos: seria o neoliberalismo uma racionalidade que mina ou celebra o valor da voz? Ou, então, destacando o papel da mídia: o espaço dado à voz na mídia *mainstream* amplificaria ou normatizaria valores importantes do neoliberalismo? Nesta etapa da pesquisa, utilizo essas contribuições mais como justificativa para abalizar a ênfase posta nos participantes individuais, pois há uma clara indicação de que a voz de cada pessoa tem valor e deveria ser tomada como princípio para desenvolver análises da cultura, do que propriamente para explorá-las teórica e/ou metodologicamente.

Contudo, assumir uma perspectiva centrada no tripé indivíduo–mídia–sociedade requer um horizonte mais amplo, como já disse outras vezes (por exemplo, em Escosteguy; Braun, 2013), no qual estejam incluídas as consequências de longo alcance de vivermos num cenário entranhado pela mídia. “Um mundo saturado pela mídia é um mundo onde as ações orientadas à mídia não estão exatamente circunscritas à produção, ao consumo direto e mais à circulação” (Couldry, 2009: 40). Essas são soluções muito simples para encarar o problema de “viver com a mídia”³ (Couldry, 2010: 290).

3. Bird (2003) e Couldry (2009) coincidem na necessidade de alargar o olhar dos estudos de mídia.

Na tentativa de seguir uma abordagem desse tipo é preciso evitar a armadilha dos estudos circunscritos à produção, ao texto ou ao consumo, pois em especial estes últimos compõem análises que privilegiam a especificidade de experiências localizadas e discretas com a mídia. De modo geral, eles pretendem flagrar um momento específico de interação com a mídia. Os estudos particulares, recém referidos, constituem-se em visões compartimentadas e não dão conta da complexidade e abrangência da situação mencionada.

Em corolário, nosso objeto de estudo se amplia e exige uma lente de tipo “grande angular”, como sugere Spitulnik (2010). O que acontece quando ampliamos o enquadramento dessa maneira? “Como vamos definir nossas unidades de análise? Como vamos delimitar nossos objetos de estudo? [...] Porque, óbvio, que num projeto de pesquisa não podemos andar em todas as direções” (Spitulnik, 2010: 107 e 111). Isso não é novo para nós. Talvez ainda estejamos diante do desafio que Martín-Barbero nos propunha lá em *Dos meios às mediações* (1987 1997), quando salientava que as fronteiras do nosso objeto de estudo se dilataram.

Aproveito a menção a autor tão caro entre nós, no meio acadêmico latino-americano, para referendar mais uma vez a opção assumida nesta pesquisa. Para o autor espanhol-colombiano, os processos de comunicação são “fenômenos de produção de identidade, de reconstituição de sujeitos, de atores sociais” e os meios de comunicação “não são um puro fenômeno comercial, não são um puro fenômeno de manipulação ideológica, são um fenômeno cultural através do qual a pessoa ou muitas pessoas (...) vivem a constituição do sentido de sua vida” (Martín-Barbero, 1995: 71).

Essa indicação teórica articulada à outra de Richard Johnson (1999: 95) que reivindica a vigência de uma *autoprodução discursiva dos sujeitos*, viabilizada mediante a *forma de histórias e memórias*, constituem o fundamento que impulsiona a coleta de relatos biográficos. Ao tomar essa ideia como uma das balizas da pesquisa empírica, entende-se a narração como uma forma básica de organização da subjetividade e a própria narrativa não apenas refletindo ou reportando a experiência, mas também a produzindo.

Se nós as tratarmos [as narrativas] não como arquétipos, mas como construções historicamente produzidas, as possibilidades de um estudo concreto, produtivo, em uma gama ampla de materiais, são imensas. Pois as estórias, obviamente, não se apresentam apenas na forma de ficções literárias ou filmicas: elas se apresentam também na conversação diária, nos futuros imaginados e nas projeções cotidianas de todos nós, bem como na construção – através de memórias e histórias – de identidades individuais e coletivas (Johnson, 1999: 69).

D

Portanto, assumimos que ao coletar histórias de vida, obtidas mediante entrevistas biográficas, como resultado tem-se narrativas identitárias reveladoras de um modo específico de ser que se constitui no próprio ato do relato.

Porque o relato de uma vida, tanto na entrevista como em outros gêneros, não é somente colocar em ordem acontecimentos dissímeis, nem articular temporalmente recordações distantes: é, como toda narração, uma atribuição de sentido. E a narração não é uma mera ‘representação’ do ocorrido, mas uma forma que faz o ocorrido inteligível, uma construção que postula relações que talvez não existam em outro lugar: casualidades, causalidades, interpretações. (...) O relato da vida tem assim relação com o sentido da vida, mesmo que o próprio narrador não seja consciente disso (Arfuch, 2010: 89).

Obviamente, outras questões estão incluídas nessas histórias, para além do envolvimento do narrador-individual, em especial a estruturação da sociedade e a cultura. Daí a reivindicação de Couldry que “o self individual é formado dentro da cultura e com base a recursos culturais compartilhados” (2000: 44). Também, que todo relato biográfico se situa num horizonte histórico-social, evidenciando a interrelação entre dinâmica social e individual. Neste aspecto é a pesquisa de Velho que tomo como referência: “Longe de escamotear o peso e a importância da sociedade que, de alguma forma, produz os indivíduos, procuraríamos compreender melhor como a gramática social e cultural se expressa ao nível biográfico” (2006: 55). Neste caso específico, destaca-se a manifestação da mídia no relato biográfico.

Levando em conta essas ideias, apresentadas genericamente, realizamos uma pesquisa empírica experimentando uma estratégia metodológica composta por entrevistas biográficas. O resultado obtido mediante essa técnica é o que se está denominando de narrativas identitárias. Estas são configuradas pelo modo como o indivíduo confere sentido às suas experiências, numa interação concreta e específica em que é instigado a “contar sua vida”. A partir dessa experiência, sugerimos que: a) as narrativas são construídas mediante convenções culturais que estão em circulação na mídia; b) entre tais convenções, destacam-se a presença de características do gênero melodrama e de um processo de heroização; c) tais narrativas identitárias são reveladoras de processos culturais maiores e mais abrangentes, expressando a presença fluída e penetrante da mídia nos modos de ser.

O presente texto resulta em boa parte do itinerário percorrido por um grupo de pesquisa⁴ que iniciou seu percurso em 2010 ao propor o projeto *A visibilidade da vida ordinária de mulheres destituídas na mídia* ao Programa Especial de Inclusão Social, Igualdade e Cidadania do CNPq, que aprovou

4. Sob minha coordenação, o grupo foi constituído, na primeira fase (2011), por Lírian Sifuentes (doutoranda PUCRS), Bruna Rocha Silveira (doutoranda UFRGS), Helen Garcez Braun (Mestre PUCRS), Lúcia Coutinho (doutoranda PUCRS) e Jéssica de Souza Barbosa (Bacharel em Jornalismo PUCRS); na segunda (2012), Lírian Sifuentes, Bruna Rocha Silveira, Lúcia Coutinho, Helena Gertz (Bacharel em Jornalismo PUCRS), Ângela Felippi (professora da UNISC), Laura Wottrich (doutoranda UFRGS) e Renata Córdova da Silva (Mestre UFSM). Agradeço as contribuições de todo o grupo, valendo-me de suas distintas produções coletivas.

seu financiamento. Vale ressaltar que esta síntese não trata da discussão de classe social implícita na utilização do termo *destituídas* no título da proposta, bem como de sua combinação com a questão conceitual referente ao gênero (ver Escosteguy; Sifuentes, 2011). Também, não descreve detalhadamente as incursões no campo, nem a implementação de outras técnicas, utilizadas em diferentes etapas – entrevista estruturada, semiestruturada, questionário socioeconômico o que já foi feito em outros lugares (por exemplo, Escosteguy et al., 2012; Escosteguy et al., 2013; Escosteguy; Braun, 2013). Muito menos tem a intenção de apresentar um quadro teórico vigoroso sobre a problemática teórica mencionada logo no início. Seu objetivo é bem mais modesto: justificar e ilustrar uma abordagem possível, constituída dentro da Comunicação, para tratar das relações entre indivíduo, sociedade e mídia, mesmo que, aqui, sejam explorados sobretudo os vínculos entre a formação das identidades individuais e a mídia.

REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA: A VOZ INDIVIDUAL COMO ESTRATÉGIA DE PESQUISA

Parte da pesquisa empírica⁵ realizada, em 2012, consistiu em solicitar a um grupo de mulheres que contassem sua vida. Essa forma de condução da entrevista permitiu esquivar-se de uma indagação direta sobre o que de fato é a preocupação na investigação: a presença da mídia na configuração de modos de ser. No momento em que a opção foi por uma conversa, um dialogar com essas mulheres, oposta a formas impessoais, destaca-se a importância de permitir às entrevistadas que elas indicassem mais ou menos espontaneamente em que dimensão a mídia faz parte ou não do seu dia a dia, sem imposição do tema. Dentro desse parâmetro, um conjunto de seis mulheres foi entrevistado.

A história narrada nessa situação específica vincula-se de alguma forma aos gêneros biográficos, sejam as autobiografias, os testemunhos, as memórias ou os diários. Possivelmente uma diferença em relação a eles seja sua condição de ser narrada num contato face a face, contexto comunicativo que, pelo menos, neste caso, contem certo imediatismo. Outra seria que não postula em si mesma o conhecimento de fatos, mas a autoprodução de um relato sobre quem se é, para si e para os outros. Consequentemente, seu resultado é chamado de narrativa identitária, pois configura a intrincada dinâmica de formação da identidade.

O critério na escolha das mulheres entrevistadas foi de que ocupassem postos que não exigem uma qualificação formal. Isso porque tais atividades são pouco valorizadas na sociedade, da mesma forma que não exigem habilidades e conhecimentos formais que dependam de formação específica. Tal grupo foi constituído por trabalhadoras no setor de serviços de embelezamento. Assim, todas têm como profissão alguma atividade manual, independente da renda

5. A primeira entrada em campo foi discutida e problematizada em Escosteguy et al. (2012).

D

obtida. Vale salientar que, embora elas possam ter alguma formação, essa não é um pré-requisito para o desempenho de sua função. Importante ainda realçar que a maior parte delas já era conhecida das entrevistadoras.

A seguir exponho considerações extraídas de todo o material coletado. Evito citar exemplos das diferentes histórias e documentar as interpretações, ilustrando-as com falas extraídas das respectivas histórias. Embora tenha sido adotado em mais de uma ocasião, esse procedimento não dá conta da dramaticidade e da totalidade do material. Ao contrário, fragmenta as narrativas e enfraquece sua força. Ao reler esses trabalhos que recortaram os relatos, mesmo que a partir de temas recorrentes neles mesmos, fica a nítida impressão de perda de densidade, fazendo com que as histórias se tornem superficiais – ou mesmo, quase banais. Ensaio agora outra tentativa de mostrar as evidências: primeiro, apresento observações gerais, depois, tento reconstituir uma narrativa, reconhecendo que continuo exercendo um poder de intervenção na medida em que sou eu a que redigi a história que será contada. Com isso, pretendo preservar o *sabor emocional* que definitivamente demarca as histórias coletadas. Com certo receio, assumo que cada narrativa fala por si mesma.

Todas as mulheres contaram suas histórias, assumindo seu próprio ponto de partida, destacando suas atuações como desencadeadoras de suas respectivas trajetórias. No geral, iniciaram suas narrativas no passado. Contudo, esse passado não estava necessariamente composto por referências envolvendo suas origens familiares e suas heranças desse tempo (onde nasceram, quem eram seus pais, por exemplo) e, sim, fatos marcantes (gravidez precoce e êxodo rural, entre outros). Nota-se que todas elas revelam-se mais como narrativas em retrospectiva, envolvendo um processo de reflexão entre passado e presente, incluindo até mesmo as histórias em que o marco inicial foi a vida atual. Seguindo a reflexão de Couldry (2010), poderia dizer-se que, nesse processo de entrevista, a voz dessas mulheres tornou-se efetiva, pois cada uma se engajou num relato que se revelou como um tempo para refletir, sobre o antes e o depois, entre ações, experiências e pensamentos.

Ao contarem suas histórias, as entrevistadas falaram, fundamentalmente, na primeira pessoa do singular. As narradoras posicionaram-se sempre no centro de suas histórias. E, mesmo os revezes – maternidade precoce, doenças, separação, divórcio, excesso de mudanças de cidades em função dos companheiros ou a morte de um familiar – foram transformados afirmativamente em rupturas motivadoras para que seguissem adiante. Nenhuma delas mostrou comiseração diante de tais percalços, ao contrário. Após obstáculos e infortúnios, sua motivação foi renovada para prosseguir. Desse modo, fica flagrante que ao contarem suas histórias, as mulheres destacaram seu protagonismo diante

das adversidades da vida, constituindo um processo de heroização, mediante o realce de determinadas virtudes que, no final, permitiram que vencessem.

Na literatura sobre o tema, o herói geralmente é apresentado como aquele que abandona o mundo comum para a realização de feitos extraordinários, divinos e lendários. O afastamento da vida cotidiana é uma prerrogativa do herói, que abdica do conforto familiar para, com coragem, lutar e alcançar realizações impossíveis, buscar a virtude, a fama e a glória (Featherstone, 1992). Entretanto, os heróis de hoje distanciam-se dessa imagem: estão imersos na vida diária, buscam seu próprio bem-estar e realização pessoal, claro que mediante sacrifícios, sofrimentos e muito esforço para alcançar a recompensa final. “Cada época cria seus heróis e lhes atribui, quer sejam de uma época distante, próxima ou atual, seus próprios valores”, ensina Dosse (2009: 151). Ou seja, os valores desta época junto ao grupo social pesquisado são encarnados em percursos singulares e individuais.

A capacidade de enfrentar árduas provas através da dedicação, da disciplina e do sacrifício indica marcas de um processo de heroização. A superação dos revezes dá-se através de valores como a abnegação, o sacrifício e a dedicação, vivenciados no cotidiano, encarnados no trabalho, e a partir dos quais as entrevistadas parecem sentir-se valorizadas. São esses traços de caráter que encontramos nas narrativas coletadas os quais permitem às mulheres erigirem-se em heroínas. De um lado, poderia ser dito que a personagem-vítima, típica do núcleo do melodrama, está personificada nessas mulheres: “um personagem cuja *debilidade* reclama o tempo todo proteção – excitando o sentimento protetor do público – mas cuja virtude é uma *força* que causa admiração e de certo modo tranquiliza” (Martín-Barbero, 1997: 164). De outro, que elas rompem o fio da vitimização através da *força* que revelam ao debelar a desgraça e os infortúnios.

Consideramos, então, que as histórias de vida das entrevistadas são relatos exemplares que visibilizam as heroínas de hoje: mulheres capazes de superar os distintos desafios da vida em nome, sobretudo, da dedicação e do amor aos filhos e à família. Estas são mulheres imersas no dia-a-dia que se mostram corajosas e batalhadoras para alcançar realizações, sobretudo, pessoais, pois o êxito individual é um valor maior do nosso tempo e, fundamentalmente, do Brasil contemporâneo.

Junto com a identificação de um processo de heroização, observa-se a plena presença de características do melodrama. Nota-se que todas as narrativas têm um forte apelo emocional, sobretudo, relacionado com a vida amorosa e familiar, no qual nenhuma circunstância de caráter social ou econômico é lembrada como impedimento para a realização de sonhos. Características

D

típicas do melodrama em que todos os conflitos são superados em nome do amor, da virtude e da justiça. Entretanto, esse núcleo do melodrama também é ressignificado pelas entrevistadas, atualizando-o. Por exemplo, os relatos evidenciam que a reparação da justiça se dá pelo sucesso econômico, obtido por intermédio da dedicação ao trabalho. Tema em pauta na mídia através de uma profusão de matérias jornalísticas, por exemplo, centradas no poder de consumo de uma “nova classe média”⁶.

6. Ver, por exemplo, TELLES, Margarida. O que a nova classe média quer vestir? *Época*, online, 24 ago. 2012. Disponível em: <<http://colunas.revistaepoca.globo.com/mulher7por7/2012/08/24/o-que-a-nova-classe-media-quer-vestir/>>. Acesso em: 2 set. 2013; 46% da classe C tem marca favorita. *Carta Capital*, online, 05 set. 2012. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/economia/46-da-classe-c-nao-tem-marca-favorita>>. Acesso em: 2 set. 2013; KOPSCHITZA, Isabel. A nova classe média vai aos antiquários. *O Globo*, online, 11 jun. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/imoveis/a-nova-classe-media-vai-aos-antiquarios-5168066>>. Acesso em: 2 set. 2013.

7. Destaco da entrevista de Augusta (cabeleireira, depiladora e massagista) a forma incisiva como ela encerra sua história, referendando a ideia de alcance da felicidade: “Meu resumo é isso. Eu acho, assim, têm pessoas que não têm a felicidade que eu tive, né? Pô, eu tenho quatro filhos lindos, maravilhosos! Perfeitos! Perfeitos e lindos! Inteligentes! Eu não tenho nada que reclamar”.

De modo geral, essas narrativas revelam-se como histórias de superação e invariavelmente têm um desfecho positivo e um efeito edificante. Sobre o primeiro, muito já tem sido dito a respeito do *happy end* na cultura de massa. Entre os clássicos sobre o assunto, Morin diz:

(...) o *happy end* implica um apego intensificado de identificação com o herói. Ao mesmo tempo em que os heróis se aproximam da humanidade cotidiana, que nela emergem, que se impõem seus problemas psicológicos, são cada vez menos oficiais de um mistério sagrado para se tornarem o *alter ego* do espectador. O elo sentimental e pessoal que se estabelece entre espectador e herói é tal, no novo clima de simpatia, de realismo e de psicologismo, que o espectador não suporta mais que seu *alter ego* seja imolado. Pelo contrário, ele espera o sucesso, o êxito, a prova de que a felicidade é possível (Morin, 1987: 93).

E a felicidade se torna possível e é alcançada pelas mulheres da faixa etária investigada, entre 35 e 59 anos⁷. Sobretudo, porque se adaptam às regras gerais da sociedade, expressando apenas insatisfações pontuais e localizadas. Além desse tipo de desenlace, nota-se ainda que as narrativas conectam-se com uma moral, o segundo aspecto anteriormente mencionado. Outra convergência com o melodrama, no qual as aventuras e peripécias das personagens não são exteriores aos atos morais (Martín-Barbero, 1997).

A forma – melodramática, associada, também, ao processo de heroização – como as mulheres constroem suas narrativas relaciona-se aos modos pelos quais as identidades estão sendo constituídas, mediante práticas culturais, sobretudo, atravessadas pela ação da mídia. Pois nesta é reconhecida a presença de distintos formatos baseados no melodrama – seja na ficção (nas telenovelas, de maneira mais evidente), seja no jornalismo (principalmente, no jornalismo popular, mas não só). Por essa via, relaciona-se o modo das mulheres entrevistadas contarem suas histórias com a maneira usada pela mídia para produzir distintos relatos, sem uma menção explícita à mesma. É deste modo que se percebe uma convergência entre os valores em destaque e o modo de narrar das mulheres entrevistadas e aqueles presentes em inúmeras narrativas, produzidas e disseminadas pela mídia, em especial na televisão que justamente é um dos meios

mais mencionados e presente na vida das entrevistadas⁸. Em outras palavras, nota-se uma prática relacionada à mídia, mesmo que esta não esteja associada a um texto particular ou a um conjunto específico de textos (Couldry, 2012).

O RELATO, SEMPRE PARCIAL, DE UMA HISTÓRIA

Escolho a história de Vani para ilustrar os resultados recém comentados não porque ela seja típica do que já foi mencionado, pois todas as histórias apresentaram as características indicadas anteriormente. Algumas têm, em determinados momentos, falas muito mais contundentes⁹. Contudo, creio que esta entrevista foi bem sucedida, comparada com alguns relatos mais lacônicos. O que segue não é uma transcrição e tem a minha intervenção como já foi assumido. Procuro preservar o tom, a ordem dos acontecimentos relatados e, sobretudo, as ênfases, embora em alguns momentos faça cortes e junte as observações esparsas no relato sobre os mesmos acontecimentos¹⁰.

Conheço Vani há bastante tempo. Há mais de três anos vou regularmente ao salão de beleza onde ela trabalha como manicure. O lugar é simples, embora localizado em bairro nobre de Porto Alegre (RS). Permaneço lá aproximadamente meia hora e, em algumas ocasiões, uma hora. No geral, conversamos sobre generalidades. Algumas vezes, fico descansando enquanto ela se concentra no seu trabalho. Quando ela tem algum livro, geralmente, um policial, sobre a estante que fica ao lado de seu posto de trabalho, conta sobre sua leitura, sobre a cliente que lhe presenteou ou emprestou a obra. Outras, fala do Guilherme, o filho mais moço que mora com ela. Mais raramente, fala da filha. Às vezes, também, pergunta pela minha filha, os estudos, o namorado, enfim, se “a vida anda bem”. Quando faço viagens mais longas, procuro trazer um *souvenir*. Notei que ela gosta. Em alguns casos, observei que atribui uma utilidade ao presente. Temos uma relação afável, cordial e socialmente interessada uma pela outra.

A primeira vez que falei sobre a pesquisa que estava realizando e indaguei se gostaria de contar sua vida, prontamente, aceitou. Antes de qualquer explicação mais detalhada ou comentário sobre o tema da investigação e da entrevista, ela já foi dizendo que sabia o motivo pelo qual eu escolhi a sua história: ela era uma mulher que tinha criado sozinha seus filhos. Fiquei surpresa com a autodeclaração.

Na semana seguinte, como é habitual, cheguei ao salão no horário acordado. Acomodada no local de costume, ela iniciou seu trabalho e foi imediatamente, também, falando sobre sua vida. Porém, não tínhamos acordado formalmente que a entrevista seria nesse dia. Tive que pedir para adiar, pois não tinha levado o gravador. Expliquei que precisava gravar e que não havia dito nada sobre tal no momento do convite. Indaguei se existia algum problema com isso, se ela ficaria

8. Depois da narração das histórias pessoais, em nova situação de entrevista, foi aplicado um questionário socioeconômico, contendo perguntas sobre consumo e hábitos relacionados à mídia, dado que não se indagou diretamente sobre a presença desta na vida das informantes. As mídias mais consumidas são TV, jornal, internet e revista. Os meios de comunicação, especialmente jornais e revistas, costumam ser consumidos no salão de beleza, onde passam grande parte do dia. Este é o caso de Vani, narrativa que é apresentada a seguir. Ela lê Zero Hora e diariamente o Diário Gaúcho, jornal popular da capital gaúcha. Suas revistas preferidas são Caras e Cláudia. Já em relação à TV, as entrevistadas disseram assisti-la em “casa”, local onde também se dá o acesso à internet, embora nos respectivos ambientes de trabalho a TV ocupe um lugar de destaque e esteja quase permanentemente ligada. Vani disse não ser muito ligada em TV, prefere ler.

9. É o caso de Augusta, mencionada na nota 6.

10. Ouvindo a gravação da entrevista, relendo sua transcrição e o resumo apresentado, reconheço a interferência e interiorização de valores do grupo ao qual pertence que revela um controle dos sentimentos, em direção oposta à narrativa de Vani.

confortável e concordaria de fazer desse modo. Ela não manifestou nenhum inconveniente e, sim, podíamos deixar para a próxima semana, embora em vários momentos, durante aquela sessão, tenha feito igualmente comentários esparsos a respeito de sua vida. Isso foi bom, passei a conhecer um pouco mais de sua trajetória. Confesso que, nessa ocasião, fiquei um pouco inibida. Nossa conversa não era a usual e, do meu ponto de vista, algo íntimo, mais difícil de ser compartilhado com alguém que é conhecido, mas não pertence à rede de relações de amizade e nem ocupa a mesma posição social.

No dia marcado, retornei ao salão mais confiante. Semanalmente, o grupo de pesquisa se reunia e alguns membros relatavam as situações vividas de entrevista. Isso ajudou. No dia da entrevista tinha marcado um horário, propositalmente pouco frequentado. A TV, de tela plana, instalada numa das colunas da sala, em lugar bem visível, estava desligada. Vani se ajeitou na sua cadeira, pois todas as funcionárias têm lugar fixo neste salão. E eu, também, assumi meu posto. Antes mesmo de ligar o gravador, ela começou contando que tinha sido “dada” para ser criada pela avó numa fazenda. Ela era a única criança na casa. Aos sete anos foi para a cidade, Erechim (interior do Rio Grande do Sul), fato que lamentava, pois gostava da vida no campo. Na casa do pai, pedreiro e carpinteiro, encontrou mais cinco crianças, seus irmãos. Não lembra de ter adoecido, mas apenas ter problemas “de pele, coceira”. Aos onze, a mãe teve tuberculose e foi para Porto Alegre. Ela ficou, junto com o pai, cuidando dos irmãos: o caçula, Marcos, tinha dois anos, a Jé “deveria” ter quatro, a Leti, seis, e a Laila, oito. A mais velha, 14 anos na época, não ficou com eles, porque “odiava” os irmãos. “Acho que ela queria ser filha única. Que interessante isso!”, disse. A mãe faleceu. E ela foi a que cuidou dos irmãos. Apesar de toda essa situação, acha que a família é unida: “Eu amo meus irmãos. Adoro. Somos uma família muito unida. Já não tem mais pai nem a mãe. Mas a gente está junto até hoje”. Por um período curto voltou a morar com a vó e o avô: “Aí briguei com a minha vó porque eu fervia mais que sorrisal!” Foi morar novamente com o pai e ficou lá até se casar, aos 19 anos.

Aos 21 anos, teve a Jô, primeira filha, e, aos 26, o Guilherme. Até esse momento se considerava uma pessoa “resolvida”, não era “de se incomodar”. Afirmou isso várias vezes. Quando o Guilherme começou a mostrar sinais de “retardo mental” foi encaminhada para fazer terapia de grupo. A terapia era para ajudar a entender o filho e a lidar com ele. Era para “resolver as mãezinhas.” Reconhece que aprendeu muito aí, mas também assumiu que não precisava de terapia porque era “bem resolvida”. “Eu sou resolvida porque eu sou ariana. Ariana é resolvida. Não existe uma ariana que tenha problemas. Pode ter certeza disso. Qualquer ariana que conheço são tudo resolvida. Fala com ariana para

ti ver! Porque as arianas são muito bem resolvidas, elas resolvem e ponto. Não ficam chorando em cima do leite derramado. Nenhuma delas fica. Nenhuma.”

Foi só depois que nasceu o segundo filho que começou a perceber a ausência constante do marido e a se “incomodar”. O Guilherme precisava de cuidados médicos mais frequentes que a filha mais velha. O motivo, então, era que quando ela precisava do marido para levar o bebê ao médico: “onde estava o Carlos? Na bagunça, nas rodas de pagode, na vagabundagem... Eu tinha que andar atrás, chamando ele...”. Sentia-se sozinha e cansada dessa situação porque não tinha com quem “contar” nos momentos mais difíceis. Até esse momento “não pensava muito nesse tipo de coisa [separação] porque tu te envolve com as crianças e a doença do Gui ocupava muito. Aí me incomodei com o Carlos. O Carlos era muito, muito mulherengo. Não podia ver mulher...”

Eram mais ou menos da mesma idade, faziam aniversário próximo um do outro. O casamento durou 12 anos. “Empurrei com a barriga um casamento horroroso. Aquelas discussões, aquelas brigas, aqueles horrores, aquelas coisas horríveis... que a gente passa. E não dava mais briga porque eu não discutia. Nunca aconteceu de discutir. Eu não sou pessoa de discutir. Eu não bato boca com ninguém, entendeu?” Conta que deixava ele gritando “sozinho” porque, nessas ocasiões, saía de casa. “Ele vai querer bater em mim e não vai prestar. Se encostar a mão em mim, acho que sou capaz de matar... coisa desagradável. Eu não fui criada assim. Não tive esse ambiente. Nunca tive. Aliás, quem brigava era a minha mãe!” Quem procedia como ela, era o pai. Quando vinha a “tempestade”, o pai botava a boina e saía bem tranquilo. Voltava quando a “tempestade” tinha passado.

Disse que quando se é jovem e se tem filhos, há um envolvimento muito grande com a criação deles e, por isso, essas situações estressantes vão passando até que chega o dia que “tu cansa”. Aí pediu para se separar. “Eu nunca me incomodei muito. Eu não sou uma pessoa de me incomodar porque eu vou levando, até o dia que digo: basta. O dia que eu digo *basta*, não tem volta”. E, de fato, não desistiu disso, embora ele não quisesse, “óbvio”. Demorou muito, três anos, mas conseguiu.

Primeiro, ela adoeceu. Aos onze meses do nascimento do Guilherme, “baixou no hospital”. Tinha 27 anos e 55 quilos, nunca tinha tomado antibiótico. Descobriu que era “alérgica a penicilina”. Teve três semanas no hospital com hepatite, infecção intestinal, infecção ginecológica. “Dali eu fui só piorando. Aí vim descobrir que estava com tuberculose”. Saiu do hospital com 40 quilos.

O relato sobre as dificuldades de se separar associadas aos problemas do marido com “dependência”, “internação”, remédios para “os nervos”, “suicídio”, “ciúmes doentios”, consulta a “médico”, “psiquiatra”, “analista” até “o tratamento

D

da psicóloga que praticamente o curou” não é claro. Mais adiante, também, faz referência a “homem bêbado”, claramente, vinculado ao ex-companheiro, afirmando que não suportava mais a situação do casamento. Não pedi esclarecimentos sobre essas situações porque o que ficava assentado era que ela “não queria mais o Carlos... não tinha mais interesse”.

A conclusão de Vani é que “não deveria ter se casado. Eu não sirvo para ser casada”. Ao lembrar-se da época de casada, diz que “tinha que dar conta da vida para o marido”. Avalia que hoje já não é mais dessa forma, mas mesmo assim “acha muito difícil casar”. Embora tenha tido namorados, “nunca mais” ninguém viveu com ela: “nunca mais me casei”.

Ao ganhar a primeira filha, Vani parou de trabalhar por dois anos. Tinha feito curso completo de cabeleireira aos 17 e já iniciara com a atividade de manicure. Depois do nascimento do Guilherme, foi mais difícil conciliar as duas atividades, parou mais três anos. Era importante ter “independência financeira”, embora o marido nunca reclamasse por dinheiro. Disse que, em determinada época, ele tinha uma oficina mecânica com cinco empregados, que “era excelente patrão”, “pessoa responsável pelos empregados”, mas que também era “boxeador”, “atleta”, “jogava canastra e pife”. Também os vizinhos achavam ele “educado”, “gentil” e “prestativo”. “Ele tinha esses dois lados. Dele ser chefe de família, não deixar faltar nada. Não tinha problema de dinheiro. Eu não tinha esse problema com ele. Ter um negócio próspero, mas tinha esse lado que ele fazia essas coisas. Eu não aceitava isso aí. E brigava comigo. Fazia cenas de ciúmes. Ele me enlouquecia. Eu não conseguia entender aquilo.”

Apesar da condição econômica, sempre moraram de aluguel. E, desde o momento que decidiu se separar, como sabia que não iria ter “pensão, precisava trabalhar, fazer minha vida”. E foi isso mesmo que aconteceu. Passados seis meses da separação, ele foi embora. Mandava esporadicamente algum dinheiro, mas não podia contar com essa quantia. Comprou em 1991 a casa onde vive até hoje, no Jardim Carvalho (Porto Alegre), bairro classe média. Sempre foi a única responsável pelo sustento da casa, depois da separação. Além da atividade de manicure, tece, borda e faz trabalhos manuais, complementando a renda. Tem um pequeno sítio, compartilhado com uma das irmãs, local para onde vai com uma certa frequência, mas lá ainda não tem luz elétrica. Mora com o filho. A filha casou e vive em outro lugar.

Segundo ela, o motivo maior que impedia a separação, era que ele, Carlos, queria ficar com a filha. Naquela época, diz, precisava “a criatura” aceitar para a mãe ficar com as crianças, principalmente, a filha mulher. “Filha mulher é do homem e o filho homem é da mulher”. “Hoje, sim, a mulher pode dizer ‘to indo embora’, pega teus filhos e vai embora”. Só que ela não queria abrir mão

da Jô que era “a briga maior” o que lhe custou mais um penoso período de convivência, batalhando pela separação. Muitas vezes teve vontade de ir embora.

Lembra-se de que uma vez, ao retornar do advogado, sem solução para a separação, olhou para sua casa e pensou: “não vou entrar, vou me embora”. Mas entrei e olhei o Guilherme. O Gui doente. Não tinha como. Não ia sobreviver. Não tinha dúvida. O pai que morava comigo na época, numa casa no Cristal, disse para mim: ‘Querida ir embora, negrinha?’ O pai era filho de índio. Ele tinha me visto, estava na área. Eu disse: ‘querida’. E ele: ‘tu vai sair dessa, negrinha’. E eu disse: ‘eu vou, sim, pai, pode ter certeza que eu vou me livrar desse troço’”.

DAS CONCLUSÕES

A pesquisa ainda não está terminada, portanto, ensaio algumas reflexões com a finalidade apenas de encerrar esta apresentação. À luz do propósito mais geral deste artigo, explicitado no início, a pesquisa empírica realizada é apenas a abertura de um horizonte a ser explorado. O material empírico coletado indica que é possível, sim, distanciar-se dos estudos de identidade centrados nas representações midiáticas e, portanto, em formas discursivas (ver Escosteguy; Sifuentes, 2011) para desenvolver outra abordagem, ainda que discursiva, concentrada nas formas narrativas através das quais os indivíduos não apenas reportam, ordenam e descrevem suas experiências, mas constroem e produzem um modo específico de ser.

Pelo menos outras duas questões, correlacionadas com o que foi dito, necessitam ser destacadas. A primeira delas dá conta de que há um amálgama que unifica as narrativas, pelo menos as coletadas até o momento, revelado pelo seu potencial dramático e pelo processo de heroização e, ao mesmo tempo, são trajetórias individuais e únicas que, também, se caracterizam por sua particularização. Por um lado, isto leva a ver a coesão cultural, por outro, a insistir em olhar as práticas individuais de atribuir sentido à cultura que se vive e, fazendo parte de ambos movimentos, a auto-produção das subjetividades. Como sugere Couldry, “estudar a textura das vozes individuais, em outras palavras, se realizada de modo apropriado, nos retorna inexoravelmente a questões estruturais maiores sobre poder e o trabalho de instituições culturais e sociais – onde exatamente deveríamos estar” (2000: 63). Ao assumir essa perspectiva, nossa pesquisa compromete-se com o desafio de construir pontes entre a organização social, a ação e a produção de sentido, dando relevo à especificidade da mídia na modelagem das identidades – presença de características do melodrama e encarnação de modelos heroicos.

A segunda diz respeito à estratégia metodológica adotada, a entrevista biográfica, conforme detalhada anteriormente. Diferente do que já foi dito em

outra ocasião (Escosteguy et al., 2012), a opção de não questionar diretamente sobre a mídia não leva à decepção, se as narrativas coletadas forem vistas sob o prisma das convenções e dos esquemas, bem como dos valores que são ativados na sua estruturação mais do que na menção explícita a conteúdos que a mídia põe em circulação. No entanto, os atravessamentos entre mídia e as vozes das informantes, expressos pela incorporação desse tipo de convenção cultural presente tanto na mídia quanto nas narrativas identitárias, não podem ser compreendidos através de uma lógica linear e de mão única, isto é, decorrentes de alterações provocadas diretamente pela mídia nos indivíduos. Ao contrário, esse processo é mais bem compreendido se “enfataremos a heterogeneidade de transformações que a mídia ocasiona de um lado a outro de um espaço social dividido e complexo” (Couldry, 2008: 375), portanto, diz respeito a consequências de longo-alcance e à uma dinâmica multidirecional. Para constituir uma abordagem desse tipo, uma possibilidade é investir no estudo de práticas *orientadas* pela mídia, desafio no qual esta investigação está engajada. **M**

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. *La entrevista, una invención dialógica*. Buenos Aires: Paidós, 2010.
- BIRD, Elizabeth S. *The audience in everyday life: Living in a media world*. Nova York/Londres: Routledge, 2003.
- COULDRY, Nick. *Media, society, world. Social theory and digital media practice*. Cambridge: Polity Press, 2012.
- _____. *Why voice matters – Culture and politics after neoliberalism*. Londres: Sage, 2010.
- _____. My media studies: Thoughts from Nick Couldry. *Television & New Media*, v.10, n.1, p. 40-42, 2009.
- _____. Mediatization or mediation? Alternative understandings of the emergente space of digital storytelling. *New Media & Society*, v. 10, n3, p. 373-391, 2008.
- _____. *Inside culture – Re-imagining the method of cultural studies*. Londres: Sage, 2000.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico – Escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina e SIFUENTES, Lírian. As relações de classe e gênero no contexto de práticas orientadas pela mídia: apontamentos teóricos. *Revista e-compós*. vol. 14, n 2, p. 1-13, 2011.
- _____.; SIFUENTES, L.; SILVEIRA, B. R.; OLIVEIRA, J.; BRAUN, H.G. Mídia e identidade de mulheres destituídas: uma discussão metodológica. *Revista Galáxia*. São Paulo: n. 23, p. 153-164, jun. 2012.
- _____.; BRAUN, H.G. Histórias de mulheres como narrativas identitárias: considerações teóricas e metodológicas. *Revista Rizoma*. Santa Cruz do Sul: v. 1, n. 1, p. 46-55, jul. 2013.

- _____.; SIFUENTES, L.; WOTTRICH, L. H.; SILVA, R. C. História de mulheres: heroínas de uma narrativa melodramática. *Revista Intexto*. Porto Alegre: UFRGS, n 28, p. 100-117, jul. 2013.
- FEATHERSTONE, Mike. The heroic life and everyday life. *Theory Culture Society*, vol. 9, 1992, pp.159-182.
- FRANÇA, V. O acontecimento e a mídia. *Revista Galáxia*. São Paulo: n. 24, p. 10-21, dez. 2012.
- JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? [1986]. In: SILVA, Tomás Tadeu da (org.). *O que é, afinal, estudos culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: editor UFRJ, 1997.
- _____. Secularización, desencanto y reencantamiento massmediatico. *Revista Dia-logos de la Comunicación*, 41, 1995, p. 71-81.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX - O espírito do tempo - I*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- SILVERSTONE, Roger. The sociology of mediation and communication. In: CALHOUN, Craig; ROJEK, Chris; TURNER, B. (org.). *The Sage Handbook of Sociology*. Londres: Sage, 2005.
- SPITULNIK, Debra. Thick context, deep epistemology: a mediation on wide-angle lenses on media, knowledge production and the concept of culture. In BRAUCHLER, Birgit e POSTILL, John (orgs.). *Theorising media and practice*. Nova York: Berghman Books, 2010.
- VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade - Uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- Endereços eletrônicos:
- CARTA Capital, revista online, 05 set. 2012. Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/economia/46-da-classe-c-nao-tem-marca-favorita>>. Acesso em: 2 set.2013);
- KOPSCHITZA, Isabel. A nova classe média vai aos antiquários. *O Globo*, online, 11 jun. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/imoveis/a-nova-classe-media-vai-aos-antiquarios-5168066>>. Acesso em: 2 set. 2013.
- TELLES, Margarida. O que a nova classe média quer vestir? *Época*, revista online, 24 ago. 2012. Disponível em: <<http://colunas.revistaepoca.globo.com/mulher7por7/2012/08/24/o-que-a-nova-classe-media-quer-vestir/>>. Acesso em: 2 set. 2013; 46% da classe C tem marca favorita.

Artigo recebido em 04 de setembro de 2013 e aprovado em 18 de outubro de 2013.